

Educação

Vocês não sabem o que lhes espera!

31 JAN 1997

"A escola pública, que tempera instrução com educação, deveria ser de acesso universal, tanto no sentido Geodemográfico como no político-social, pois se a humanidade sobreviver à barbarie tecnológica certamente sucumbirá à hecatombe educacional".

Celso Scherer, em Escola Pública, dicotomia de uma só face

30 ANOS DE BRASILIA

E não sabem mesmo, desculpem a agressiva franqueza! Pode o seu compadre ter-lhe segregado algo, você pode ter lido o obituário na revista, seus próprios olhos podem ter presenciado; ainda assim aposto 3 por 1 que você não sabe em sua inteireza! Dobro a aposta e o desafio: que lhe espera no dia 24 de fevereiro próximo?

Forget, como diria o Caco Antibes, do Sai de Baixo, Mas você insiste? Pois bem, eu lhe digo: neste inolvidável dia, senhor pai, prezado aluno da rede particular de ensino que se matriculou na escola pública, começa o ano letivo em mais de 500 escolas oficiais do Distrito Federal.

Apaguem tudo, por favor, e desculpem a propásia e a empáfia, estimados novos colegas! Se ajo assim é para lhes provocar, despertar suas curiosidades, bem ao estilo da escola candanga que os aguarda. Quem lhes dá as boas-bindas é um pai que está matriculado na escola pública com duas filhas, hoje pré-adolescentes, desde os albores das primeiras noções de leitura, cálculo e escrita, em 1990.

Se digo matriculado é porque desde esta época, colaborei, visto a camisa, e até as vezes atrapalho, com as escolas de minhas filhas, quer seja em mutirões, com pitacos pedagógicos ou na Associação de Pais e Mestres, e mais recentemente, no Conselho Escolar.

Essa experiência me fornece alguns antídotos contra o que se apregoa em desfavor da escola pública, estimado novo companheiro!

Uma dessas catilinárias retrata nossa escola como a prima pobre da particular, mal-vestida, mal-amada, em escombros. Não é bem assim. Como nas privadas, há escolas oficiais que necessitam reparos, uma pinturinha aqui, um muro acolá. Há numerosas outras, que são limpas, higiênicas, cheirando a tinta, bem-cuidadas.

Em outra investida, pinta-se o professor como um mercenário da educação, um grevista militante. Também não é bem assim. Diga-se, por justiça, que a classe dos professores é das mais conscientizadas, dai conhecem seus direitos e sabem que, em última instância, a greve é um instrumento constitucional e político para se fazerem ouvidos. Isso, por um lado. Por outro, pouco se divulga sobre a abnegação desses profissionais. A maioria deles é gente séria, responsável, criativa e empreendedora, que edita jornais e revistas pedagógicas, que inova e multiplica os recursos didáticos, que realiza a química de misturar os reagentes de uma aula expositiva de folclore com uma comovedora festa de integração comunitária.

O vitupério seguinte alardeia ser a escola do governo um caos administrativo. Cai por terra mais esta balcão quando se ve que os atuais diretores estão comprometidos com uma educação de qualidade, uma vez que foram eleitos pelo voto direto da comunidade escolar, a quem tem que prestar contas. Como participes desse processo, temos ainda a Associação de Pais e Mestres e o Conselho Escolar, que dividem responsabilidades e democratizam as instâncias decisórias. Muito ainda há que se fazer nessa área, afinal somos todos ainda aprendizes dessa forma de trabalho compartilhado.

Que dizer das invectivas contra os alunos, tachados de indolentes, barulhentos, minimarginais? Sim, alunos o são. A maioria, no entanto, segundo avaliação do MEC, estão entre os melhores alunos públicos do País, rivalizando com muito particular de renome. É o caldeirão sociocultural que nossa Escola alimenta? Aqui, temos de tudo e de todos. É o Brasil miniaturizado. É a pedagogia ambulante, em carne e osso, na sala e no recreio. Uma escola de convivência dos afins e dos contrários. Pura democracia!

Esse, enfim, é o retrato em preto-e-branco e colorido da escola pública. Tem suas mazelas, mas também seus trunfos. Se a sua apção por ela é recentíssima e fruto de fôro íntimo financeiro, não se avexe. Junte-se a outros ex-pagadores de mico, matricule-se junto com seus filhos, arreganhe as mangas. Trabalho tem pra todos. E você consegue então o porquê do orgulho dos veteranos como eu, que sabem estar construindo coletivamente uma escola-cidadã.

■ Celso Luis Brod é integrante do Conselho Escolar do Centro de Ensino n.º 08, em Taguatinga

■ A coluna Tribuna da Cidade sai às segundas, quartas e sextas-feiras e está aberta a todos os segmentos da sociedade.